

Escrevivências de um estágio remoto

Livia Canuto

01



UM ESTÁGIO REMOTO



Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo.

(Conceição Evaristo, Becos da Memória, 2006)

Adentrando ao estágio

A coletânea de textos apresentada nesta revista retrata meu olhar sobre o ensino e a vida durante a disciplina de estágio do curso de licenciatura em química de uma universidade pública brasileira no ano de 2021. Utilizo o termo remoto e suas flexões na língua portuguesa para retratar o período em que a universidade adentra o ambiente domiciliar e encara as vivências e experiências possíveis durante o isolamento social que se fez necessário durante a pandemia do coronavírus. Permeados de muitas escrevivências, os textos foram organizados em três grandes partes: brotar, crescer e florescer. Em virtude da limitação de palavras, tive que podar algumas das folhas que escrevi, apresentando parte de meu acervo. Em brotar, o texto retrata o primeiro contato com o estágio: minha primeira presença em sala de aula, as grandes expectativas e a realidade que me esperava. Em crescer, relato meus dilemas, incômodos e desencantos. Por fim, em florescer há dois textos que descrevem um futuro que há de vir e abrem possibilidades à desconstrução.



O início do estágio

Eu poderia começar a falar sobre perrengues no ônibus para ir até o centro de Juiz de Fora e encarar literalmente o calor humano da escola. Poderia relatar a sensação de cansaço dentro do ônibus subindo o Morro da Glória rumo ao apartamento. Mas minha narrativa começa um pouco diferente.

Situarei a você, que me lê, o mapa geográfico desse estágio remoto. Iniciaremos presencialmente às 15h19min (horário de Brasília) na zona oeste do Rio de Janeiro, em apenas 60 segundos pousaremos em Acaiaca, município do interior de Minas Gerais.

Rio de Janeiro/Acaiaca, 02 de maio de 2021. 15h20min.

Primeiro dia do Estágio Remoto. Encontrava-me na turma do 2º ano do Ensino Médio. Me apresentei como estagiária no período de observação. O professor iniciou a gravação da aula. Em seguida, abriu uma espécie de apostila que tentava atender as mínimas demandas da rede pública de ensino na pandemia. O professor utilizou uma aula sobre soluções do YouTube. De início me veio a sensação de estranhamento, como se nós vivêssemos em uma sociedade competitiva. Me analisei. E sim, vivemos em uma sociedade competitiva! A sensação estranha de ver um professor disponibilizar em sua aula um vídeo de outro professor, vinculado a outra instituição, me fez pensar nessa disputa que eu mesma criei aqui comigo. Por que não socializarmos o conhecimento e utilizar as ferramentas que auxiliam o ensino-aprendizagem nos trinta minutos disponíveis com a turma? Finalizada a aula, parti para novas sensações e experiências.

Em milésimos de segundo, mais rápida que a velocidade da luz, caminho para outra sala. Em apenas alguns *clicks*: desativar o microfone, desativar a câmera, pedir para participar. *Voilà!* 3º ano do Ensino Médio. Me apresento e a aula inicia dentro dos protocolos da pandemia. Gravação? Ok! Compartilhamento de tela? Ok! Escutam ao vídeo? Ok! Tudo andava bem, já tinha me acostumado com a presença virtual dos outros professores. Até que vejo uma notificação da saída de um estudante. Frio no estômago. Sensação de raiva. Simulo motivos que justificassem a saída. Me prendo a achar que o problema era o professor ou a disciplina. Instantaneamente, o estudante retorna à sala de aula. Me sinto a pessoa mais rabugenta do mundo. O ambiente virtual oscila tanto quanto meu temperamento. O vídeo termina. As atividades para próxima semana são lembradas. Fim de aula.

16h30min – 1º ano do Ensino Médio. Me apresento, eles me recepcionam. Diferentemente das outras turmas, aqui, me sinto acolhida. Iniciamos um ciclo parecido, um vídeo sobre reações químicas, voltamos ao material. Me despeço com o coração aliviado. Um alívio de perceber que eu criei minha própria sala de aula repleta de medos. Onde foi que me perdi? Por que minha sala de aula não se remetia às salas de aula em que eu me encontrava no tempo da escola?

A noitinha participei do encontro de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Percebi que al-

guns alunos deixavam seus microfones abertos. Senti vontade de relatar sobre essa liberdade no estágio. Os ruídos fazem parte da sala de aula! Me questionei quando foi que deixamos que o som das risadas, das participações, dos barulhos se tornassem um silêncio ensurdecedor?

Fim do meu primeiro dia de estágio. Eu, com minha soberba, achava que nada poderia me afetar durante o estágio na modalidade virtual. Me vi revirada! Ao final do dia acomodei muitos questionamentos que pude levar para análise. Sensações de muita saudade da escola.

No segundo dia do estágio remoto, houve um alinhamento dos astros, um mercúrio retrógrado. A viagem virtual até o estágio não pôde ser realizada. Não havia conexão. Literalmente, não houve conexão. A internet ficou o dia inteiro fora do ar. Não parava de pensar o quanto aquele dia sem internet, justo no dia do estágio, vinha me mostrar que nesse mundo virtual, é sim privilégio ter internet ou qualquer outro recurso para acessar a escola! Eu, a mediadora das justificativas dos alunos que saiam da sala de aula, nem pude entrar.

Eu tenho aprendido um monte sobre a escola. Já me sinto uma tiazona, anoto tudo mesmo! Aos poucos venho ganhando humildade e percebendo que está tudo bem não saber. Estou em constante formação, e não saber é combustível para saber. Anseio que até o próximo dia no estágio haja um turbilhão de novidades e aprendizagens para poder contar. Até a próxima!



Quem é você, professora?

É estranho a primeira vez das coisas na vida! Não sabemos o que esperar ou como se comportar. E assim, mais uma primeira vez aconteceu. Durante o estágio participei pela primeira vez da elaboração da avaliação das turmas que acompanhei. Eu nunca tinha estado do lado de cá. Eu sempre estive do lado de lá. Recebia a prova pronta em minha carteira e assim a fazia.

A todo momento estava sendo confrontada entre o estar estudante e o estar professora. Me recordei de minha época como estudante do ensino fundamental, o dia da prova era um misto de muita ansiedade, mas também havia algo no distribuir das provas. Aquela figura da professora e a forma como ela mexia no papel. Caminhava por entre as cadeiras, retirava uma prova e colocava sobre a mesa do estudante. Isso me instigava! Sentia prazer quando era selecionada para ajudar. Seria “o poder” que ganhava com aqueles papéis?

Recentemente não senti nada disso. Me lembrei um pouco das “tias” do jardim de infância com seus recortes, colas e cópias. Percebi que nessa vida remota os Formulários são essas montagens, só que sem o cheiro e o grude da cola. Copiar, colar, gerar o link e distribuir!

Dessa vez foi diferente! Tinha em minhas mãos um esqueleto da prova feito pelo professor e tinha a liberdade de formular novas questões. Tarefa difícil! Me deparei com um mar de questões e possibilidades, mas precisava compreender a quem endereçava essa avaliação. Gente do meu tipo começa a complicar tudo. São muitos porquês! Às vezes me perco em meus pensamentos, alguns passos caminham nos extremos, mas a busca do equilíbrio é o que faz o caminhar. Até que consegui elaborar as questões, mas para além disso, pude perceber a profissão docente permeada de muitas autoavaliações e construções, construções diárias, como o regar de uma flor, ou construções permanentes, como o germinar de um carvalho.

A EJA

Recesso. Retorno das aulas. Primeiro dia.

Não sabia como era a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Acompanhava as turmas antes do recesso, e no retorno às aulas, à tarde, as turmas de primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio, lá estavam os estudantes. Mas assim não foi com a EJA. O primeiro ano já não era mais o primeiro e o segundo já não era mais o segundo. As carinhas mudaram de sala, de outras nem pude me despedir. Não sabia que havia ciclos que se fechavam tão rápido.

No primeiro dia do novo 1º ano da EJA, apenas uma aluna. O professor e sua curiosidade lhe perguntaram:

— Boa noite, tudo bem?

Silêncio. O professor novamente falou.

— Boa noite, tudo bem? Você está aí?

Silêncio.

Uma mensagem no chat da sala virtual: “boa noite, estou aqui, mas estou dando janta à minha filha, tem problema?”.

O professor respondeu:

— Claro que não, uai. Liga o microfone. Fala um pouquinho de você. Nessa foto é você e seu marido?

— É sim!

— Ele não me é estranho...

Neste momento o professor começava a descrevê-lo e ela a confirmar. Ao fim ele perguntou:

— Uai, se eu já dei aula para ele, eu já dei aula procê! Você parou de estudar quando?

A estudante começou a contar um pouco de sua vida. Dos caminhos por onde andou, de sua filha e de seu retorno à sala de aula.

Naquele momento o que mais ecoava em mim era sua idade. Tão próxima a minha, eu não conseguia mais pensar em nada além de nossa proximidade e nossa distância. Por que eu não conhecia a EJA? Por que minha história é tão diferente da dela? E se eu fosse a professora, qual seria nossa relação? Assim como uma pandemia, minha cabeça já havia se contaminado com tantos porquês. Fim de aula.

Na semana seguinte, coube a mim planejar a aula. 15h20min. Segundo ano do ensino médio. 15h50min. Terceiro ano do ensino médio. 16h20min. Primeiro ano do ensino médio. As aulas tinham sido melhores do que eu imaginava.

19h. Segundo ano do EJA.

O professor não entrava, os trinta minutos iam se esvaindo. A cada gotícula de suor/nervoso/medo, o relógio correria. Tive que dar meu pulo de gato. Iniciei a aula. Apresentei o slide. Burburinhos ao fundo.

— Que semana é essa? — uma estudante me perguntava.

— A segunda semana do material didático.

— Não! Não é não.

— Não é?

Naquele segundo as gotículas de suor se transformaram em mar. Eu já não sabia o que fazer. Improvisar? Nunca foi meu forte. Eu estava professora, o que eu ia fazer? O QUE FAZER? O QUE FAZER? PENSA! PENSA!

Fechei a apresentação. Pedi à estudante que lesse o tema da segunda semana.

— Transformações da matéria.

Voilà! Era justamente a apresentação que tinha começado a fazer para o 1º ano. Abri a apresentação e comecei a falar um pouco sobre a água e suas formas no nosso planeta. Burburinhos...

— Ei, isso não tem nosso material. Em qual parte você está?

— Na segunda semana, não iremos falar sobre as transformações da matéria?

— É.

A tonalidade da estudante parecia atrair ainda mais meu medo, eu não sabia como sair daquela situação. Dispensaria os alunos? Tentaria continuar mesmo sabendo que não seria bem-aceita? O professor apareceu!

A hora já tinha se avançado e eu explicava o desencontro entre a apresentação e o material dos estudantes. Ele me explicou que pretendia alterar o material que eles já haviam recebido, por isso a apresentação não conversava com o material.

Como alterar o material? Eles não me pareciam receptivos a mudanças!

O professor pediu que eu prosseguisse com os minutos restantes. Naquele momento já não compreendia o que deveria seguir, mas segui.

Enquanto eu suava, corria contra o tempo, imaginava que algum burburinho ia aparecer novamente. Não aparece! Apenas havia um silêncio ensurdecedor. Me sentia muito mal, eu só queria sair dali, mas ainda havia um próximo ano a cumprir. Eu só queria sair.

O silêncio ensurdecedor se quebra:

— Professor, a gente não vai ter mais aula não?

A EJA II

Me encaminho para a próxima turma. Assim como uma bala perdida, vou certa ao próximo estrago, mas sem rumo. Já estava enjoada. O que eu estou fazendo?

Abro a apresentação.

— Boa noite, pessoal. Vou iniciar a apresentação e qualquer dúvida podem me interromper.

Início a apresentação. Já estava em modo automático. Ansiava o último slide. A adrenalina diminui. Começo a pisar nos freios. Dessa vez havia duas estudantes. Quero escutá-las. Tudo ia indo bem. Tentava ao máximo exemplificar as transformações físicas da água. Gelo derretendo em cima da pia. A água fervendo na panela. Gelo seco na peça de teatro.

Chego ao fim sem nenhuma interrupção. Aquele poderia ser meu céu, mas em segundos poderia ser o meu inferno.

O professor solicita que eu retorne os slides e pede exemplos de transformações físicas às estudantes. Silêncio. Inferno, deu tudo errado. Novamente ele tenta fazer com que elas falem. Silêncio. Inferno.

O professor retoma a imagem, fala sobre novos exemplos.

— Quando você tem uma visita e vai fazer o café, você precisa ferver a água.

— Como você faz para saber se o ferro de passar roupa está quente?

Neste momento eu me vi perdida. Minhas militâncias e meus posicionamentos políticos me deixaram à margem do processo. Com quem eu estava a falar sobre gelo seco no teatro? Quem era eu naquela escola? Por que eu me negava a trazer exemplos de trabalhos domésticos?

Eu sabia em qual local eu não queria colocar as duas estudantes. Mas talvez esse lugar fosse comum a elas: mulheres, estudantes, mães e esposas. Eu queria trazer algo para além do cotidiano, mas me vi, solitária e segregatória na minha militância. Não falar ou não trazer exemplos do cotidiano dos estudantes não altera em nada a realidade deles. Antes de subir ao palanque e discursar, eu precisava conhecer aqueles estudantes.

Na semana seguinte eu tentei. O primeiro ano não apareceu.

Na outra semana eu desisti! Não abri mão dos estudantes, mas precisava me distanciar e observar, reconhecendo os meus complexos e os caminhos que ainda tenho que caminhar.

Pensei ser fraca, mas preferi olhar para o outro lado. O estar professor é ser permeado por muitas histórias e realidades que ora podem caminhar ao teu lado ora podem abrir seus olhos aos abismos desse mundo. É um trabalho humano demais para uma humana em construção.

florescer



A desconstrução

Parece que estamos a todo momento idealizando o que é ser para nunca ser. Quando criança sempre achei que os adultos sabiam o que estavam fazendo. Vocês pareciam tão seguros e firmes em suas decisões, não davam brechas para pensar que em algum momento vocês não faziam ideia do que estavam fazendo. Cresci com a crença: OS ADULTOS SABEM O QUE FAZEM!

E hoje percebo que não, nós não sabemos o que fazemos. Estamos vivendo, seguindo caminhos e findando outros. Não penso que nosso futuro já está traçado, mas que os rumos se formam e são construídos com aquilo que escolhemos e não escolhemos. No fim, o não também é uma escolha.

Para onde vamos? Para onde estamos indo? De onde viemos? Somos tão vulneráveis, mas quanto mais crescemos menos transparecemos. Temos medos, mas não expressamos. Temos angústias e as guardamos. Que humanidade é essa que nos desumaniza?

E com esses aprendizados, percebo que crescer está longe de saber de tudo ou do que está fazendo. Crescer é fazer escolhas e lidar com suas responsabilidades. Hoje, termino o estágio na sensação da desconstrução e na certeza de ter lidado com minhas responsabilidades, ter deixado um espaço para minhas incertezas, outro para algumas certezas, que talvez possam vir a se tornar incertezas. Que o meu crescer seja dar espaço para novos eus aparecerem em mim. Que o meu crescer não se resuma a ter, mas a ser ou estar. Que o meu crescer seja individual e coletivo. Mas sobretudo, que o meu crescer seja humanizar-me!

À Pandemia

Não queria falar de você por aqui, Pandemia.

Não aguento saber sobre você, falar sobre você, xingar você todo dia.

Não!

Não quero e não posso te romantizar.

Não!

Não vou e não deixarei você regressar.

Olhe a sua volta, Pandemia.

Viu a educação que deixou à Pindorama, Pandemia?

Olhe!

Olhe bem.

Os professores velhinhos que foram pro além.

Vá!

Vá devagar.

Deixe que a gente ainda possa sonhar.

Tire!

Tire bem já.

O presidente que não deixa o povo falar.

Quero!

Quero já.

O Brasil nas urnas eletrônicas podendo votar.

Pense!

Pense lá, o que você fez com o mundo que já não pode respirar?